

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS

Nº14 Dezembro 1988

NOVELLAE OLIVARUM

Revista de Formação Cultural

Depósito legal nº 2912/83

Director

Pe.Luís Alberto

Redacção:

Anastácio Alves
António Costa Marques
António Fernando
João Brás
Tolentino Mendonça

Propriedade e Administração:

Seminário dos Olivais
1800 LISBOA

TERCEIRA SÉRIE

Nº14, Dezembro 1988

sumário

Editorial 2

Mesa Redonda 3

DESAFIOS DA EVANGELIZAÇÃO NO PORTUGAL DE HOJE

Pe.Luís Mafra
Francisco Ruivo
Aníbal Pinto
Rogério Paulo

Antologia 23

O TEMA DA EVANGELIZAÇÃO NOS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

Rui Lourenço

DESAFIOS QUE A CULTURA COLOCA À EVANGELIZAÇÃO EM PORTUGAL 30

Tolentino Mendonça

OS JOVENS APOSTAM NA IGREJA? 33

João Valente

A PRESENÇA DOS CRISTÃOS NO MUNDO DA POLÍTICA 35

António Martins

Notas de Cultura Portuguesa 39

D.ANTÓNIO DA COSTA E A TRILOGIA DA REVOLUÇÃO FRANCESA

Pe.Manuel Clemente

Crónica 42

João Lourenço

EDITORIAL

Afinal.., continuamos vivos!
E, por isso, cá estamos, recomeçando,
Com simplicidade.
Sem pretensões de disputar qualquer lugar editorial,
Apenas com a consciência de que é importante dizermo-nos,
independentemente de o conseguirmos fazer ou não
de uma forma bela e atraente...
E acreditando que a Vida que todos procuramos
anda por aí, escondida,
à espera de um gesto que a revele
ou de uma palavra que a explicite...
E percebendo que é na partilha que ela acontece.

É um pouco dessa vida que passa por nós
que vamos tentar pôr no papel,
conhecendo embora os limites que isso comporta.
Sabemos que a regularidade não é o nosso melhor.
Por razões que não é difícil imaginar
a quem advinha um pouco o que é ser Seminário hoje.
E também por outras razões que, se calhar, não o são...
Mas é assim que somos.
Por isso, não há aqui lugar nem para desculpas nem para promessas.
Apenas para o testemunho de quem percebe
que o importante é recomeçar.
Sempre.

DESAFIOS DA EVANGELIZAÇÃO

NO PORTUGAL DE HOJE

— M E S A R E D O N D A —

À semelhança do que aconteceu no número anterior de "Novellae Olivarum", voltamos a inserir na nossa revista uma mesa-redonda, desta vez subordinada ao tema geral de "Desafios à Evangelização no Portugal de hoje".

Trata-se, fundamentalmente, de uma leitura da problemática actual da Evangelização no nosso país e do apontar das suas exigências mais prementes, partindo das experiências pessoais de cada um dos intervenientes:

- Padre Luis Mafra, antigo pároco da Cruz Quebrada e um dos actuais Directores Espirituais do Seminário dos Olivais;
- Diácono Francisco Ruivo, da Diocese de Santarém, tem trabalhado na área da juventude, primeiro na Pastoral Juvenil da sua Diocese e, actualmente, como assistente do Movimento Católico de Estudantes - MCE;
- Diácono Aníbal Pinto, ex-emigrante no Canadá e nos Estados Unidos da América, onde trabalhou com comunidades de origem porto-riquenha, mexicana e portuguesa, além das paróquias locais. Recentemente, enquanto seminarista do Patriarcado de Lisboa, trabalhou na paróquia de Vidais (Oeste).
- Rogério Paulo, seminarista de Lisboa; trabalhou pastoralmente na comunidade do Prior-Velho, parte da paróquia de Sacavém, área sub-urbana de Lisboa, residência de opera-

riado, proveniente da província, e de emigrantes africanos, no caso da Quinta da Serra; actualmente é assistente da LOC.

- Moderador: Anastácio Alves, seminarista da Diocese do Funchal; assistente do MCE e colaborador da paróquia de Moscavide no sector juvenil.

Moderador:

O Papa Paulo VI, logo na introdução à "Evangelli Nutiandi", diz que a dupla fidelidade às pessoas e à mensagem constitui o eixo fundamental de toda a Evangelização. Como é que cada um vê a articulação entre as pessoas e a mensagem?

P. Mafra:

Eu, pessoalmente, quando me é pedido para falar em qualquer sítio - recolecção, retiro, etc. - tenho sempre o cuidado e preocupação de perguntar: quem são as pessoas (homens ou mulheres, jovens ou adultos) e que nível cultural têm, que integração na Igreja têm,...por que isso é fundamental para adaptar a mensagem à realidade e às necessidades. Julgo que é um problema muito importante na evangelização: o ajustamento entre a proclamação da mensagem e as pessoas que a recebem.

Rogério:

Nesta linha, pode-se ver, por exemplo, o caso de uma visita pastoral. Em princípio, é sempre uma ocasião de evangelização, pois trata-se dum contacto com as pessoas. Este contacto baseia-se no pressuposto de o prior ter dado a conhecer ao bispo a realidade; mas isso é sempre limitado! Daí que se deva mudar um bocado o tipo de visita pastoral: o bispo deve enquadrar-se bem com as pessoas e, ao mesmo tempo, auscultar o prior e toda a comunidade. Porque é totalmente diferente a reacção de um cristão perante o prior e perante o bispo.

P. Mafra:

Creio que se vai tendo, um bocado, a noção disso e que, pelo menos parte dos bispos, vão fazendo esforço para se ajustarem melhor às paróquias que visitam. Porque o bispo não deve aparecer como uma personagem estranha, uma figura importante que se passeia por ali e é admirado pelos paroquianos, mas como pastor que vai estabelecer um contacto evangelizador.

Chico Ruivo:

Ainda quanto à questão da mensagem se adaptar à assembleia, trata-se, muitas vezes, é da própria linguagem que é utilizada nos documentos do magistério; e, no fundo, da dificuldade que há em torná-los acessíveis. As pessoas acabam por não perceber. Por exemplo, quanto à "Familiaris Consortio": houve grupos que se reuniram para reflectir o documento e tiveram dificuldade em perceber uma série de termos e não tinham quem lhes explicasse! Creio que isso já se torna um obstáculo à própria assimilação da mensagem e à capacidade de perceber o que ela tem a ver com as pessoas.

Aníbal:

Estou convencido que a missão é condicionada pela cultura. As minhas várias experiências mostram que tenho aprendido mais com as pessoas do que com aquilo que lhes tenho dado! Quer quando trabalhei com mexicanos quer, até, antes, com os norte-americanos, que são povos totalmente diferentes! E mesmo nas nossas aldeias, tenho a certeza que vamos dar muito, mas, no fundo, temos também a aprender. Por isso, penso que tudo é uma atitude de acção de graças, não intelectual mas, propriamente, do coração.

P. Mafra:

Gostava, ainda, de dizer duas coisas! Primeiro: não

actuar de forma excessivamente racionalizada, mas adaptando-nos à psicologia e cultura das pessoas. Todavia, com fidelidade, pois a adaptação não pode levar à traição! Em segundo lugar, deve tratar-se as pessoas com compreensão, benevolência e paciência. Mas não, porém, com transigência!... O evangelizador tem de respeitar as pessoas tais como elas são; todavia tem de ser fiel à mensagem. E isto de forma muito equilibrada e muito humana.

Chico Ruivo:

Creio que a evangelização é, antes de mais, dirigida às pessoas. E há que respeitar o ritmo da pessoa! Se optarmos, de facto, pela intransigência, ou por aquilo que está determinado, a evangelização, em vez de ser libertadora, torna-se, pelo contrário, castradora. Há, ainda, uma pedagogia própria da evangelização que se deve fazer a pouco e pouco, e nunca de uma só vez.

P. Mafra:

Exacto! Muita coisa na evangelização tem de ser reflectida. É preciso saber levar as pessoas a crescer, a evoluir. E, entretanto, ter paciência. Mas puxar por elas, senão não crescem! Se transigimos com tudo — com os baptizados, da maneira como são feitos, com os casamentos, com os funerais, da maneira como são realizados, com as procissões e por aí fora, de forma despropositada como se realizam, etc.— ficamos sempre na mesma. Ou vamos de mal a pior!

Às vezes, a comunidade é lenta, mas temos sempre de puxar, de corrigir. Também acontece surgir, no meio, alguém que faz o caminho inverso: um pároco segue determinada orientação; e vem o seu sucessor que faz exactamente o contrário! Mas, aí, pode haver uma falha de orientação diocesana. Sem cortar a margem para a liberdade e criatividade no que a admite, a diocese deve ter orientações sobre muitos aspectos práticos importantes e ve-

lar por que elas sejam seguidas para haver acerto e uma linha de continuidade.

Moderador:

Isso levanta várias implicações. Uma, é a opção que se tem de fazer (ou não) por uma pastoral minimamente planificada. Outra é saber se há necessidade de optar entre evangelização qualitativa e quantitativa. Tratar-se-á de uma opção real entre dois tipos de evangelização?

P. Mafra:

Penso que sim! Mas isso tem de ser bem visto. E as soluções podem ser matizadas; não cem por cento uniformes.

Chico Ruivo:

O documento sobre a evangelização no mundo diz a certa altura que, para o mundo e sobretudo para os jovens, a Igreja parece ter-se transformado em obstáculo à aceitação da fé. Esta experiência deve deixar-nos inquietos, pois muitos procuram e aceitam Cristo, mas negam que a Igreja seja o sacramento da presença do Senhor.

Quanto à questão da pastoral qualitativa ou quantitativa, creio que a "Evangelii Nuntiandi" é muito clara ao afirmar que, para a Igreja, não se trata de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou a populações maiores. Trata-se, antes, de modificar, pela força do Evangelho, os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade. Devemos trabalhar incansavelmente para que a Igreja institucional não sirva para ocultar a pessoa de Cristo ou obscurecer o Evangelho. Os homens pedem-nos — especialmente os jovens — que as nossas vi

das sejam um testemunho límpido da pessoa de Cristo. Este testemunho, no fundo, é o de uma coerência de vida e passa, igualmente, pelo tipo de opção que se faz em relação à pastoral.

Rogério:

Também sinto um bocado a sensação de que, por vezes, temos mais interesse em arranjar "novos sócios" para o nosso "clube", do que propriamente em trabalhar para a consciencialização daquilo que as pessoas são. De facto, quem assume ser cristão, à partida, é já evangelizar e, como tal, trata-se sempre de uma reciprocidade: evangelizar e ser evangelizado.

Vejo a necessidade da participação das pessoas não acontecer por tradição mas por opção de vida. E, aí, isso tem a ver com o modo como as comunidades estão estruturadas! É urgente, de facto, as pessoas responsabilizarem-se por aquilo que estão a fazer. Pertence-se a uma comunidade não para "ganhar o céu" mas porque se trata do Reino de Deus. E o Reino de Deus mexe com a vida!

Moderador:

Aníbal, a tua experiência, numa zona rural, é diferente? Num meio urbano há, cada vez mais, uma opção pessoal dos cristãos que o querem ser (há outras atracções...), enquanto no campo, porventura, existem outros factores que contam...

Aníbal:

Nos meios rurais, vejo que o pároco ainda é o "senhor": ele manda, pode e quer. Isso criou uma mentalidade própria nas pessoas. Mas acontece que, uma ou outra, já vem questionando. No entanto, a generalidade das pessoas não participam: espera sempre que seja o padre a fazer tudo.

Na América, as pessoas já questionam; perguntam por que determinada "coisa" é assim, e participam. Também há

uma certa influência e pressão protestante que contribuiu para isso! Nos grupos, mais do que nas grandes massas, as pessoas empenham-se, têm interesses e participam. Essa experiência serviu-me de apoio, pois também é preciso. Conversão da nossa parte. Vendo como Cristo fez: Ele era amigo das pessoas e ouvia-as! Muitas vezes não ouvimos e é preciso ter essa atitude de ouvinte para evangelizar.

Rogério:

Ainda, e a propósito de como é estruturada a comunidade, o Prior Velho, por exemplo, abrange gente que vem das aldeias, com uma visão religiosa bastante tradicional, e que se vê em confronto com uma maior abertura. A comunidade funciona em 3 linhas: Comunitária, Missionária e Profética. A Comunitária tem a ver com o facto da responsabilidade recair sobre a própria comunidade: a liderança compete aos membros da comunidade; todos assumem esse serviço, atendendo-se, depois, à sua funcionalidade. A missão passa pela responsabilização de estarem ali e testemunharem não só para a comunidade — pela partilha e pelo diálogo — mas também para irem a outros sítios da comunidade habitacional, como Quinta da Serra, por exemplo. A profética tem a ver com o anunciar, pois a comunidade sai de si e dirige-se para fora; denunciar a injustiça, que é o grande travão à comunidade humana e convocar; avalia-se assim tudo o que diz respeito à vida humana.

Outra coisa importante é a consciencialização para que, o que é feito não o seja por ser bonito, mas porque é fruto duma reflexão cristã anterior. Por vezes, a caminhada é lenta. A reflexão avança mais depressa, mas o ajustamento prático é muito mais lento.

Moderador:

Ainda sobre o problema da quantidade e qualidade na opção pastoral, pareceu-me que o P. Mafra ia dizer mais

qualquer coisa...

P. Mafra:

Sim. Paulo VI na "Evangelii Nutiandi" tem esta ideia dominante: evangelizar não é simplesmente transmitir o Evangelho, mas é renovar os homens, a sociedade, todo o mundo, segundo o Evangelho transmitido.

Renovar como?! Procurando atingir a grande massa? Utilizando outros processos?

Não podemos esquecer que a salvação é para todos. E desde que os homens manifestem, ainda que minimamente, algum interesse pelo Evangelho, podem ser renovados. Todavia, isto não significa que o maior esforço seja dispendido exactamente com a massa! Porque é prioritário multiplicar os evangelizadores! Então, vamos aplicar mais as nossas energias àqueles que verificamos serem particularmente mais activos e responsáveis, valorizando-os no sentido de serem evangelizadores que multipliquem, eles mesmos, os esforços da evangelização, de modo a atingir o mais possível a grande massa.

Chico Ruivo:

Eu não quero julgar, mas tenho a impressão de que no fundo, uma das grandes preocupações dos bispos ainda é, sobretudo, ter padres em todas as freguesias para assegurar a eucaristia dominical. Creio que há desafios muito mais prementes na evangelização!

O fundamental, quanto a mim, é a formação catequético-pastoral destes agentes de pastoral. Vemos nas nossas paróquias que é praticamente só boa-vontade, porque formação não há. E não é sem justo valor que a mensagem deste último Sínodo ao Povo de Deus fala, várias vezes, na necessidade de uma formação integral de todos os fiéis. Isso é importantíssimo porque muitas vezes falta às pessoas o aspecto doutrinal, o sentido pastoral, uma certa pedagogia e psicologia do trabalho...

P. Magra:

... e, inclusivamente, as perspectivas em que a maioria dos cristãos se encontra são pré-conciliares, quando, efectivamente, o Concílio Vaticano II trouxe grandes novidades, chamando a atenção para aspectos esquecidos ou minimizados na Igreja, e cuja falta falseava consideravelmente uma compreensão correcta e construtiva da mensagem e da Igreja. Perante isso, as pessoas não acreditavam porque sentiam que aquilo não era verdadeiro — era uma imagem deformada da própria verdade da Igreja. Estou convencido de que, não sendo a única, esta foi uma das causas que mais pesaram para a descrença na Igreja. Concretamente, uma posição individualista... a inversão do que é ser Igreja!

Rogério:

E a prova disso é, de facto, o tipo de assembleia jovem que hoje temos presente e que está pronta a aceitar novos valores. Antigamente os cristãos nos seus tempos livres de "meninos e moços" ocupavam-se em actividades mais ou menos ligadas à Igreja, daí que haja ainda uma grande participação em certas actividades religiosas. Actualmente, os jovens têm outra realidade e outras actividades que os puxam e levam para onde querem. Que fazer com estes?!

Chico Ruivo:

O problema que se levanta é o de saber como é que a Igreja chega a esses espaços! Ela tem de sair da sua redoma de vidro e chegar a essa malta. Contudo ainda não vi na Igreja aquele espaço acolhedor, aberto; aquele espaço onde as pessoas, de facto, se sentem bem — não é bem estático e passivo, mas um bem que é dinâmico, interveniente, um espaço que as ajude a crescer e a descobrirem como pessoas...

Aníbal:

Penso que ainda não falámos no aspecto de que devemos ser "modelos", no sentido de sermos testemunhas vivas. Quando a Igreja é modelo, é coerente com aquilo que diz, as pessoas participam. É porque a nossa opção de vida não tem a ver só com o céu, mas com o aspecto social também; é no dia-a-dia, na situação concreta das pessoas que se afirma o cristianismo como algo de diferente. Porque se é igual a tudo o mais, então o melhor é "arrumar as botas"!

Posso ser bom padre, querido por todos, mas para ser coerente tenho de seguir o exemplo de Cristo. É difícil porque existem pessoas influentes na paróquia que, por vezes, são capazes de manobrar toda a paróquia com coisas mesquinhas. Para mim, o desafio é a coerência... pelo menos estar atento a ela.

Se houver testemunho, há participação. Há anos atrás, na Capela do Rato, juntaram-se muitos jovens, quando as outras igrejas não os tinham. Porquê?! Porque se sentiam a tomar parte em algo que lhes dizia alguma coisa.

P. Mafra:

Por vezes, fenómenos como esse foram acusados de certa impureza. Eu diria que a atitude correcta não é, simplesmente, criticá-los ou condená-los mas, sim, purificá-los, na medida em que houver impurezas; e assumir os valores que esse tipo de fenómenos manifesta!

Rogério:

Mesmo ali, a nível do Prior-Velho, a comunidade funciona com a preocupação de ser missionária em relação à comunidade populacional no seu todo. E recordo-me, por exemplo, que era preciso um posto médico; pois, a Comunidade reflectia e tratou de deitar mãos-à-obra! Há exigências, e uma delas é o risco.



Moderador:

Penso que, da parte da Igreja portuguesa, o medo de correr riscos é uma grande tentação. Foi antes do 25 de Abril, mas não sei se estará hoje ultrapassado...

P. Mafra:

Eu penso que, de maneira geral, a todos os níveis, somos demasiado timoratos, com medo de perder a segurança e a boa situação de tranquilidade em que nos encontramos. Estou absolutamente convencido disto: nós temos de arriscar! Aliás, o que fez Cristo?! Arriscou! Arriscou até à morte! Foi alguém "atirado para a frente", que chocou e escandalizou a sociedade!

Rogério:

A ideia que tenho das comunidades de base é o desta consciência da vida de Cristo, da sua relação com a gente desprezada, marginalizada e que, de facto, não se realizava porque a sociedade de então não o permitia.

Chico Ruivo:

Creio que no processo de evangelização todo o anúncio deve interpelar as pessoas, não é? Porque é nessa atitude de arriscar que conseguimos dar resposta às pessoas e às situações em que estão mergulhadas. Que tipo de novidade traz a Palavra? Como diz S. Tiago, "a fé sem obras é morta". É preciso ir mais além daquilo que se diz pacatamente dos altares. Creio que esta evangelização do mundo é evangelização da própria Igreja, na medida em que arrisca e está atenta às situações dos homens de hoje.

Rogério:

E depois, acima de tudo, ter a consciência de que não temos a verdade toda! Às vezes sinto que apostamos pouco no Espírito Santo. Por isso, muitas vezes dizemos

que permanecemos na verdade, pretendendo afirmar com isso que nunca erramos!

Moderador:

Isso tem a ver com a capacidade do evangelizador (nomeadamente, o pároco) partilhar as responsabilidades. Sobretudo, é importante que isso não seja mera consequência da falta de padres, mas seja assumido! Não me parece que isto esteja claro para muitos cristãos!?

P. Mafra:

Pois, isso corresponde à própria natureza da Igreja! Porque na Igreja todos têm igual dignidade e todos têm responsabilidade. Portanto, não há uns que têm a dignidade de falar e outros a obrigação de estar calados. Não há uns que têm a responsabilidade de fazer tudo e outros não fazem nada. É preciso ter consciência do que é ser cristão, do que é a Igreja. É esse o grande caminho para haver vocações sacerdotais.

Chico Ruivo:

Um exemplo muito concreto que me vem preocupando: há uns anos, na minha zona — Torres Novas — surgiram muitas vocações. Acontece que, hoje, elas não existem. A Igreja daquela altura tinha capacidade de resposta para as situações concretas das pessoas. Hoje, a maneira de ser Igreja aí, ainda é a mesma de há 20, 30 ou 40 anos. É lógico que não haja vocações sacerdotais!

As pessoas estão demasiado instaladas e não querem correr riscos. Outro exemplo é a divisão entre pastoral vocacional, de um lado, e pastoral juvenil do outro. Tem de haver aí uma única pastoral. A pessoa descobre a sua vocação na medida em que se descobre como cristão.

Rogério:

Sobre isso, cada um de nós tem a sua experiência vocacional. Não é propriamente alguém chegar e dizer-nos:

"Ouve lá, quero-te padre!", mas é, de facto, um partilhar e perceber o que é isto de estar em Igreja.

Aníbal:

Penso que é importante ter os papéis bem claros. Afinal, se estivermos bem certos daquilo que somos, cada um no seu ministério, há lugar para todos e todos têm um papel. Aqui, este tipo de questões pode não pôr-se, ainda, porque a Igreja continua a ser tradicional e apagada (talvez na Conferência Episcopal, a maioria dos bispos ainda tente manter as coisas assim). Mas quando a Igreja é mais aberta — como nos Estados Unidos, por causa da democracia e da tradição protestante - colocam-se todas as interrogações relacionadas com esta problemática. A Conferência Episcopal Norte-Americana tem desafiado a Igreja Católica mundial: quando se une para defender um bispo que é reprimido (como aconteceu com Hanthausen); quando se mantém unida e elabora documentos fantásticos, analisando e criticando o governo acerca da economia ou sobre a justiça.

Rogério:

Acho que é saudável a polémica, em sentido positivo, porque permite um discernimento e, até, é mais coerente com o homem. De facto, todos necessitamos uns dos outros e crescemos nesse diálogo.

P. Mafra:

É necessário agir em espírito de Igreja: procurar não ser franco-atirador, auto-suficiente, mas acertar, antes, a actuação eclesialmente, em comunidade ou grupo (paróquia, vigararia, presbitério, etc.). O trabalho não é de indivíduos iluminados mas de Igreja. Isto aplica-se a todos: bispos, padres e demais fieis. Há que estabelecer linhas fundamentais de orientação e conjugar esforços, através de formas improvisadas ou instituidas. Por exemplo, os conselhos pastorais, quer diocesanos, quer paroquais. Pode haver um plano geral de pastoral e

pode haver planos para sectores particulares. Mas, claro, o que é particular tem de integrar-se no plano mais amplo, para que haja concordância.

Chico Ruivo:

E, antes de mais, há-de adaptar-se às pessoas, às comunidades. Porque um plano diocesano para Santarém, por exemplo, não pode ter o mesmo tipo de concretização a norte do Tejo, que é uma zona tradicionalmente cristã e na parte sul, com uma baixíssima percentagem de prática religiosa. O tipo de motivações que leva as pessoas a estar em Igreja é muito diferente! Daí ser importante o plano como objectivo a alcançar; mas, sobretudo, ter em conta a concretização.

P. Mafra:

Mas isso supõe que o plano e os programas foram elaborados partindo duma verificação concreta de diferentes situações. E com a participação de pessoas com diferentes experiências. É necessário não ouvir apenas meia dúzia de teóricos, apenas metade da diocese, apenas as paróquias. Ouvir também os movimentos, por exemplo! E, então, em face da realidade, procurar ver qual deve ser o plano e as grandes linhas de acção pastoral. Elas não devem partir de cima, mas serem estabelecidas a partir de baixo. E depois, claro, os planos e programas são gerais; compete ao responsável de cada lugar ou cada comunidade fazer um ajustamento ao círculo onde trabalha, mas respeitando sempre o plano e os programas.

Rogério:

Já por si é valioso o facto de se sair daquele meio de especialistas e descer para uma análise da realidade através das pessoas que, não sendo peritas, vivem dentro da realidade.

Moderador:

Tudo isso leva-nos a um outro aspecto que é o da relação dos evangelizadores entre si: padres, catequistas,...

P. Mafra:

Podemos ver isso no âmbito de vigararia. Verifiquei que os padres, têm dificuldade em colaborar uns com os outros, a não ser em coisas que pouco ou nada adiantam. Em relação a uma programação, a um plano de actuação de âmbito vicarial, a tendência é, cada um fazer conforme entende na sua paróquia. Custou-me essa experiência concreta, exactamente porque a disposição e a capacidade para fazer trabalho de conjunto não era satisfatória.

Aníbal:

Aqui entra o problema da unidade e da uniformidade. As pessoas confundem as duas coisas; daí que surjam problemas como esse que apontou. Confundir unidade com "fazer todos o mesmo" é perigosíssimo, porque se reflecte na tal evangelização que não se consegue realizar.

Chico Ruivo:

Em vez de serem agentes evangelizadores, acabam por desenvangelizar, por obstruir o caminho da evangelização dos outros.

P. Mafra:

Muitos ainda não perceberam, nem compreenderam, que a Igreja é um Corpo; e a evangelização pertence a esse Corpo. Cada um de nós é orgão e dá o seu contributo como os orgãos do nosso corpo o dão. Quem ainda não percebeu isto, ainda não aprendeu o sentido da Igreja. E este contributo é preciso que seja dado em conjunto, para que os contributos se completem mutuamente e se acertem pontos de vista...

Rogério:

E por vezes gastamos o nosso tempo em "choquezinhos" e não se concretiza nada!

P. Mafra:

Gastamos e desgastamo-nos!!

Moderador:

Falando de um outro aspecto: não será que a Igreja ainda está pouco desperta para determinados meios a evangelizar, como, por exemplo, os "mass-media" e a política? Em relação a esta, temos os documentos da Igreja que apoiam a participação dos cristãos na vida política mas, na prática, a política ainda é vista como um mundo à parte, "profano". E muitos cristãos vivem numa dicotomia entre prática política e prática eclesial...

Rogério:

Acho que isso tem a ver com o perceber-se o que é estar em Igreja e ser Igreja!

P. Mafra:

Por vezes, o que acontece é que, por exemplo, muitos que andaram na Acção Católica e agora estão metidos na política, esquecem a sua qualidade de cristãos e actuam simplesmente como cidadãos, segundo critérios muito pessoais e nem sempre ligados ao Evangelho. Pelo menos, há casos desses; estou convencido de que há bastantes!

Eu acrescentaria, a respeito disso, que o grande problema hoje na Igreja é ter consciência do que ela é. Ou antes, o problema é não ter consciência do que ela é! A partir do Vaticano II, começou a ser possível tomar essa consciência; simplesmente, as coisas deviam estar a caminhar mais depressa, inclusivamente da nossa parte, como primeiros responsáveis pela evangelização. A cons-

ciência de Igreja, conjunto dos filhos de Deus e irmãos entre si, que têm de viver em caridade, constituindo uma Comunidade, tendo uma idêntica dignidade de baptizados e participando da mesma responsabilidade na construção do Reino de Deus, esta consciência de Igreja não existe na maioria dos cristãos. E, mesmo entre o clero, ela ainda é muito confusa!

Se não houver esta consciência, o cristianismo das pessoas passa a ser uma manta de retalhos, um conjunto de verdades que as pessoas não sabem articular. E surge a dicotomia referida... Assim, pode acontecer que um cristão faça política como qualquer outro político e não com a consciência de estar a construir o Reino de Deus. E não é só uma questão de "intenção"; é uma maneira de agir, que se modifica porque o espírito é outro! O cristão está animado por uma visão dos homens, do mundo e de toda a realidade que lhe permite ver as coisas com outros olhos.

Vamos evangelizar?! Então, não é simplesmente ensinar o mistério da SS^ma^ Trindade e se existe céu e inferno; os sacramentos e tudo o mais! Vamos ter a preocupação de dar o verdadeiro sentido de Igreja. E será a partir daqui que as pessoas aprenderão a amar-se e a amar o mundo para, como dizia Paulo VI, o converter e o renovar.

Moderador:

Isso há-de acontecer "com o tempo" ou tem de apressar-se?

P. Mafra:

Penso que é de apressar o mais possível! Procurar as formas de acelerar enquanto há tempo. Estou convencido de que isto ainda há-de levar muito tempo, mas devemos aproveitar todas as oportunidades e todos os meios para insistir neste sentido. É preciso agir com inteligência, sem dúvida, e não disparatadamente! Mas ter isso em mira!

Aníbal:

Incomoda-me sentir que connosco pode acontecer o mesmo: julgar que somos os "senhores" e continuar sem viver esse sentido de Igreja!

P. Mafra:

O padre é um servidor do Reino de Deus, pura e simplesmente. E tem de se adaptar às necessidades do Povo de Deus e não fazer o que lhe apetece; nem sequer aquilo de que gosta!

Aníbal:

Penso também que temos de fazer ver às pessoas que a fé depende de Jesus Cristo e do facto de serem baptizadas e não do padre em concreto. Porque, muitas vezes, as pessoas vão à missa ou participam muito se o padre for este; mas deixam tudo se o padre for aquele...

Chico Ruivo:

Gostaria ainda de dizer, a partir da experiência que tenho do trabalho com jovens - quer na Pastoral Juvenil de Santarém quer, agora, no MCE - que, antes de mais, este desafio da evangelização é um desafio de permanente atenção ao meio. E, no caso dos jovens, temos de ir ao meio onde eles estão: fundamentalmente a escola; mas também a família e os espaços recreativos. Pergunto-me até que ponto nós mesmos, Igreja, vamos aí ter com esses jovens; não será que preferimos permanecer instalados nas nossas cadeiras? Este é um grande desafio à Igreja de hoje em Portugal. Preocupa-me, por exemplo, quando se faz grandes peregrinações de juventude: até que ponto é que isso interpela, até que ponto isso lhes dá consciência de Igreja? Fazem-se congressos; mas até que ponto é depois tido em conta na actividade pastoral?

P. Mafra:

Eu admito que essas coisas tenham um certo valor. Mas penso que elas devem ser realizadas quando corres-

pondem a uma necessidade fundamental das pessoas que nelas participam, e não porque alguém se lembrou de as fazer! As pessoas trabalham e, em certo momento, sentem que é importante realizar um congresso para fazer o ponto da situação, apresentar experiências ou fazer propostas. Isso sim!

Rogério:

Na Comunidade onde estou, por exemplo, as coisas fazem-se porque as pessoas sentem necessidade de o fazer.

Moderador:

É uma questão de não confundir o ponto de partida com o ponto de chegada! Isto está muito claro na "Evangelii Nutiandi", e julgo que é determinante na evangelização. Mas, infelizmente, temos que parar por aqui. Apesar de muitos assuntos terem ficado de fora e, porventura, alguns não terem sido tratados com a necessária profundidade, procurámos reflectir com seriedade acerca da problemática da evangelização e dos desafios que actualmente nos coloca. E, fundamentalmente, esperamos que as experiências aqui reflectidas possam, de algum modo, ajudar os leitores na sua própria reflexão e compeensão deste tema.

Aos participantes nesta mesa-redonda, os nossos agradecimentos pela colaboração e pelo testemunho.

ANTOLOGIA:

O TEMA DA EVANGELIZAÇÃO NOS DISCURSOS DO MAGISTÉRIO

O tema da Evangelização, missão da Igreja no seu conjunto, é vasto e amplamente tratado quer nos documentos do Vaticano II, quer no magistério posterior. Uma antologia destes textos requer intenso esforço e não é obra para realizar em poucas páginas.

Há, porém, alguns documentos que merecem ser lidos, estudados e meditados com redobrada atenção: a constituição dogmática "Lumen Gentium"; o decreto sobre a actividade missionária da Igreja "Ad Gentes"; a constituição pastoral "Gandium et Spes", todos estes do Vaticano II; e a exortação apostólica "Evangelii Nuntiandi" do Papa Paulo VI sobre a qual nos deteremos mais demoradamente.

Para uma melhor sistematização optámos por tentar dar uma resposta às seguintes questões: a) o que é evangelizar; b) o que se anuncia; c) quem são os evangelizadores e quais os meios a utilizar; d) quem deve ser evangelizado.. As respostas adoptadas são algumas das muitas que nos textos podemos encontrar.

1. EVANGELIZAR, O QUE É?

"Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da Humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria Humanidade: "Eis que faço de novo todas as coisas" (Apoc.21,5. 2Cor.5,17. Gal. 6, 15)"

Paulo VI - Evangelii Nuntiandi, nº 18

"Aquilo que uma vez foi pregado pelo Senhor, ou aquilo que n'Ele se operou para salvação do género humano, deve ser proclamado e espalhado até aos confins da terra (cf.Act.1,8), começando por Jerusalém (cf.Lc.24,47), de modo que tudo quanto foi feito uma vez por todas pela salvação dos Homens, alcance o seu efeito no decurso dos tempos". (*)

(*) Vaticano II - Ad Gentes, nº 3

"Na verdade, a "Igreja existe para Evangelizar, isto é, para pregar e ensinar, ser canal do Dom da Graça, reconciliar os pecadores com Deus..." como recordei em 1982, citando a "Evangelii Nuntiandi" do Papa Paulo VI(E.N.,14). A Evangelização e a Missão não são,por isso, qualquer coisa de facultativo ou suplementar e marginal."

Mensagem para o Dia Mundial das Missões,
de João Paulo II, a 7-Junho-1987

2. EVANGELIZAR - O QUE SE COMUNICA ?

"A Igreja é depositária da Boa Nova que há-de ser anunciada . As promessas da Nova Aliança em Jesus Cristo, os ensinamentos do Senhor e dos Apostólos, a Palavra da Vida, as fontes da Graça e da benignidade de Deus, o caminho da Salvação, tudo isto lhe foi confiado. É o conteúdo do Evangelho e, por conseguinte, da evangelização, que ela guarda como um depósito vivo e precioso, não para o manter escondido, mas para o comunicar".

Evangelii Nuntiandi,nº 15

3. QUEM SÃO OS EVANGELIZADORES ?

"Pode-se dizer que o Espirito Santo é o agente principal de evangelização: é ele, efectivamente que impele para anunciar o Evangelho, como é Ele que, no mais intimo das consciências, leva a aceitar a Palavra da Salvação".

Evangelii Nuntiandi, nº 75

"Mas, então quem é que tem a missão de evangelizar ? O II Concilio do Vaticano respondeu claramente a esta pergunta:"Por mandato divino, incumbe à Igreja o dever de ir por todo o mundo e pregar o Evangelho a toda a criatura"(D.H.,13). E noutro texto o mesmo concílio diz ainda:"Toda a Igreja é missionária, a obra da Evangelização é dever fundamental do Povo de Deus"(A.G.,35)"

Evangelii Nuntiandi, nº 59

"Enviada e envangelizadora, a Igreja envia também ela própria evangelizadores. É ela que coloca em Seus lábios a Palavra que salva, que lhes explica a mensagem de que ela própria recebeu e que, enfim, os envia a Pregar. E a pregar, não as suas próprias pessoas ou as suas ideias pessoais, mas sim um Evangelho do qual nem eles nem ela são senhores e proprietários absolutos, para dele disporem a seu bel-prazer, mas de que são os ministros para o transmitir com a máxima fidelidade."

Evangelii Nuntiandi, nº 15

"Na Igreja, todos são responsáveis pela missão, e todos são ao mesmo tempo "sujeitos" e "destinatários", mas isto não se realiza por um mesmo título e do mesmo modo, mas de acordo com a peculiar posição e função, dentro da própria Igreja, assim como com o ministério e carisma recebidos."

Mensagem para o Dia Mundial das Missões, 3,
de João Paulo II, a 7-Junho-1987

"O Sucessor de Pedro é assim, pela vontade de Cristo, encarregado do ministério preeminente de ensinar a verdade revelada".

Evangelii Nuntiandi, nº 67

"Unidos ao sucessor de Pedro, os Bispos, sucessores dos Apóstolos, recebem pela virtude da Ordenação Episcopal, a autoridade para ensinar a verdade revelada. Eles são os mestres da Fé.

Aos Bispos são associados no ministério da evangelização, como responsáveis por um título especial, aqueles que, por força da Ordenação Sacerdotal, agem em nome de Cristo, dado que são, enquanto educadores do Povo de Deus na Fé, pregadores, ao mesmo tempo que ministros da Eucaristia e dos outros sacramentos."

Evangelii Nuntiandi, nº 68

"Os religiosos, por sua vez, têem na sua vida consagrada um meio privilegiado de evangelizar eficaz. Pelo mais profundo do seu ser, eles situam-se de facto, no dinaismo da Igreja sequiosa do Absoluto de Deus e chamada à santidade. É dessa santidade que dão testemunho."

Evangelii Nuntiandi, nº 69

"A família, como a Igreja, tem por dever ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e donde o Evangelho irradia. No seio duma família que tem consciência desta missão, todos os membros da mesma família evangelizam e são evangelizados.""E uma família assim torna-se evangelizadora de muitas famílias e do meio ambiente em que ela se insere".

Evangelii Nuntiandi, nº 71

"Os leigos, a quem a sua vocação específica coloca no meio do mundo e à frente de tarefas das mais variadas na ordem temporal, devem também eles, através disso mesmo, actuar numa singular forma de Evangelização. (...) O campo próprio da sua actividade evangelizadora é o mesmo mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos "mass media" e ainda outras realidades abertas para a Evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolesentes, o trabalho profissional e o sofrimento". (*)

(*) Evangelii Nuntiandi, nº 70

"Caros Jovens (...) possuis uma aptidão quase conatural para evangelizar. Porque a Evangelização não se faz sem entusiasmo juvenil, sem juventude no coração, sem um conjunto de qualidades em que a juventude é pródiga: alegria, esperança, transparencia, audácia, criatividade, idealismo...sim, a vossa sensibilidade e a vossa generosidade espontânea, a tendência para tudo o que é belo, tornam cada um de vós um "aliado natural" de Cristo".

João Paulo II aos Jovens em Portugal
em 14-Maio-1982

4. COMO EVANGELIZAR ?

"Evangelizar é, em primeiro lugar, dar testemunho, de maneira simples e directa, de Deus revelado por Jesus Cristo, no Espirito Santo. Dar testemunho de que, no Seu Filho Ele amou o mundo; de que no Seu Verbo Encarnado Ele deu o ser a todas as coisas e chamou os homens para a Vida Eterna".

Evangelii Nuntiandi, nº 26

"Não podemos evangelizar os outros, se primeiro não estamos nós evangelizados. Não podemos colaborar na salvação dos outros, se primeiro não entramos nós no Caminho da Salvação".

João Paulo II aos Jovens em Portugal
em 14-Maio-1982

"A Evangelização comporta uma mensagem explicita, adaptada às diversas situações e continuamente actualizada: sobre os direitos e deveres de toda a pessoa humana e sobre a vida familiar sem a qual o desabrochamento pessoal quase não é possivel; sobre a vida em comum na sociedade; sobre a vida internacional, a paz, a justiça e o desenvolvimento; uma mensagem sobremaneira vigorosa nos nossos dias, ainda sobre libertação".

Evangelii Nuntiandi, nº 29

"O Pregador do Evangelho terá de ser alguém que, mesmo à custa da renúncia pessoal e do sofrimento, procura sempre a verdade que há-de transmitir aos outros. Ele jamais poderá trair ou dissimular a verdade, nem com a preocupação de agradar aos homens, de arrebatar ou chocar, nem por originalidade, e não há-de deixar que ela se obscureça pela preguiça de a procurar..."

Evangelii Nuntiandi, nº 78

"A obra da Evangelização pressupõe no Evangelizador um amor fraterno, sempre crescente, para com aqueles a quem ele evangeliza.

(...) Será um sinal de amor a preocupação de comunicar a verdade e introduzir na uidade. Será igualmente um sinal de amor devotar-se sem reservas e sem subterfúgios ao anuncio de Jesus Cristo.

(...) Outros sinais deste amor:(...) respeito pela situação religiosa e espiritual das pessoas a quem se evangeliza; respeito pelo seu ritmo que não se tem o direito de forçar para além da justa medida; e respeito pela sua consciência e pelas suas convicções. (...) A preocupação de não ferir outrém, sobretudo se esse outrém é débil na sua Fé; (...) O esforço para transmitir aos cristãos, não dúvidas ou incertezas nascidas de uma erudição mal assimilada, mas certezas sólidas..."

Evangelii Nuntiandi, nº 79

" (A Igreja) aprendeu, desde os começos da sua história, a formular a mensagem de Cristo por meio dos conceitos e linguas dos diversos povos, e procurou ilustrá-la com o saber filosófico. Tudo isto com o fim de adaptar o Evangelho à capacidade de compreensão de todos e às exigências dos sábios. Esta maneira adaptada de pregar a Palavra revelada deve permanecer a Lei de toda a evangelização".

Gaudium et Spes, nº 44

"A pregação, a proclamação verbal de uma mensagem, permanece sempre como algo indispensável.(...) O cansaço quehoje provocam tantos discursos ocos e a actualidade de muitas outras formas de comunicação não devem no entanto diminuir a permanente validade da palavra,nem levar a perder a confiança nela.(...) É a palavra ouvida que leva a acreditar".

Evangelii Nuntiandi, nº 42

"Uma via que não há-de ser decurada na evangelização é a do ensino catequético".

Evangelii Nuntiandi, nº 44

"No nosso século tão marcado pelos "mass media" ou meios de comunicação social, o primeiro anúncio, a catequese ou o aprofundamento ulterior da Fé, não podem deixar de se servir desses meios (...) Entretanto o uso dos meios de comunicação social para a evangelização comporta uma exigência a ser atendida: é que a mensagem evangélica, através deles, deverá chegar sim às multidões de Homens, mas com a capacidade de penetrar n consciência de cada um desses homens, de se depositar nos corações de cada um deles, como se cada um fosse de facto o único (...) a atingir com tal mensagem e do qual obter para esta uma adesão, um compromisso realmente pessoal".

Evangelii Nuntiandi, nº 45

"Ao lado da proclamação geral para todos do Evangelho, uma outra forma da sua transmissão, de pessoa a pessoa, continua a ser válida e importante".

Evangelii Nuntiandi, nº 46

"Uma gama quase infinita de meios - a começar da pregação explicita, como é óbvio, mas passando também pela arte, pelos contactos e interesses no campo científico e no das pesquisas filosóficas, até ao recurso legítimo aos sentimentos do coração do Homem - podem ser postos em prática para se alcançar tal objectivo".

Evangelii Nuntiandi, nº 51

"As Igrejas particulares profundamente amalgamadas, não apenas com as pessoas, mas também com as aspirações, as riquezas e as limitações, as maneiras de orar, de amar, de encarar a vida e o mundo, que caracterizam este ou aquele aglomerado humano, têm o papel de assimilar o essencial da mensagem evangélica, de a transpor, sem a mínima traição à Sua verdade essencial, para a linguagem que esses Homens compreendem e, em seguida, de a anunciar nessa mesma linguagem".

Evangelii Nuntiandi, nº 63

5. DESTINATÁRIOS DA EVANGELIZAÇÃO

"Não haverá Humanidade nova se não houver em primeiro lugar homens novos, pela novidade do Baptismo e da vida segundo o Evangelho. A finalidade da Evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior..."

Evangelii Nuntiandi, nº 18

"As últimas palavras de Jesus no Evangelho de S.Marcos conferem à Evangelização, de que o Senhor incumbe os Apóstolos, numa universalidade sem fronteiras: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura"."

Evangelii Nuntiandi, nº 49

"O Empenho em anunciar o Evangelho aos Homens do nosso tempo, animados pela esperança mas ao mesmo tempo torturados pelo medo e pela angústia, é sem dúvida alguma um serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda a Humanidade".

Evangelii Nuntiandi, nº 1

"Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor.(...) ela tem sempre necessidade de ser evan-

gelizada, se quiser conservar frescura, alento e força para anunciar o Evangelho".

Evangelii Nuntiandi, nº 15

"Se é verdade que este primeiro anúncio se destina especialmente àqueles que nunca ouviram a Boa Nova de Jesus e às crianças, é verdade também que ele se demonstra cada dia mais necessário (...) igualmente para multidões de Homens que receberam o Baptismo, mas vivem fora de toda a vida cristã, para as pessoas simples que tendo embora uma certa fé, conhecem mal os fundamentos dessa mesma fé, para intelectuais que sentem a falta dum conhecimento de Jesus Cristo sob uma luz diversa da dos ensinamentos recebidos na sua infância e para muitos outros ainda".

Evangelii Nuntiandi, nº 52

"Um tal anúncio destina-se também a porções imensas da Humanidade que praticam religiões não cristãs, que a Igreja respeita e estima, porque elas são a expressão viva da alma de vastos grupos Humanos".

Evangelii Nuntiandi, nº 53

RUI LOURENÇO



DESAFIOS QUE A CULTURA COLOCA À EVANGELIZAÇÃO EM PORTUGAL

"Na floresta silenciosa,
Fui encontrar a rosa
Prometida"

- Ruy Cinatti -

1 - O primeiro desafio, e que emana do dinamismo encarnacional próprio à evangelização, é o do conhecimento: do que se é, do que se faz, do que se pensa... E que este conhecimento, necessariamente mútuo, se articule sob a forma de um diálogo autêntico e fecundo. Para isso as questões nunca se devem colocar num regime de defesa/ataque, que resulta, quase sempre, estéril e desvirtuador.

Se a verdade definitiva acerca do homem está contida em Jesus Cristo, na encarnação do próprio Verbo de Deus G.S. 22), a Igreja aprofundando, na fé, o insondável mistério da Incarnação redentora, deve compreender sempre melhor o homem e a natureza da sua missão junto dos homens. E a cultura desafia a Igreja a que seja verdadeiramente solidária, tal como o enunciou o Concílio Vaticano II, "com as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje" (G.S. 1).

2 - No último volume, o XIV, do seu "Diário", Miguel Torga apresenta deste modo a questão de Deus: "No fundo, é do meu velho problema religioso que se trata. Nunca lhe dei uma solução capaz. Vejo um destino ardiloso onde devia ver um Deus misericordioso (...). Deus. O pesadelo dos meus dias. Tive sempre coragem de o negar, mas nunca força de o esquecer".

De facto, a questão de Deus irrompe, de muitas formas, na existência humana: quer de forma explícita, confessional, quer integrada no problema do sentido da vida. Este problema fundamental está ancorado no coração da vida dos homens. E é tantas vezes, um ponto doloroso. Porque existe a disseminação e a distância. Porque existe a teia dos passos e a sombra do desejo. Porque nos acompanha a "inscrição inomeável da morte". Mas sobretudo como o disse o poeta Ruy Belo, porque "é muito triste andar por entre Deus ausente".

Daqui partem dois grandes desafios: que a Igreja dê testemunho de Jesus Cristo, não apresente o "destino ardiloso" que as nossas fragilidades e incoerências suscitam, mas faça transparecer no tempo o rosto de misericórdia de Deus e o seu amor imenso por todos os homens; e que a Igreja esteja atenta à vida concreta dos homens, discernindo com critérios evangélicos os sinais da história e empenhando-se, pela caridade, na construção de um mundo mais justo e fraterno.

3 - Nascida da Palavra, a Igreja é vitalmente possuida pela exigência de fidelidade a essa verdade que a gera e que ela sente a necessidade (e a urgência!) de anunciar. E a proclamação, o anúncio que a Igreja faz tem que estar intimamente unido ao seu esforço de ser fiel à Palavra, à Revelação recebida.

Este é também um dos desafios que a cultura do nosso tempo nos propõe: a de sermos capazes de relativizar o que de, per si, é relativo (formas, fórmulas, maneiras de ser, etc., etc...) em benefício daquilo que é verdadeiramente fundamental.

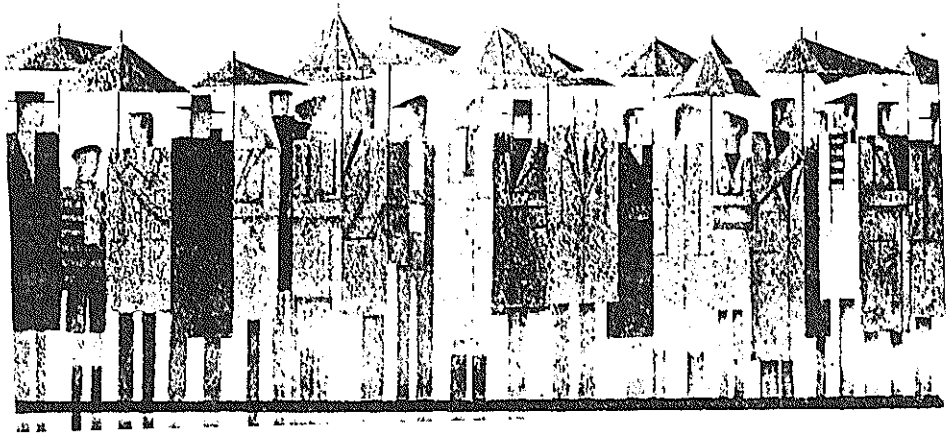
Isto levanta um outro desafio que é o do conhecimento. A Igreja não tem que temer a interpelação do mundo e da cultura do nosso tempo. E tem, por seu lado, o dever de questionar, séria e profundamente, a sociedade, os mecanismos e os agentes de cultura. Porque até um dos grandes desafios que a cultura lança à evangelização, em Portugal, é que esta lhe lance também verdadeiros desafios, que não tem nada a ver com reedições de modelos de cris-

tandade, nem com o arrebanhar de intelectuais como, ultimamente, o têm feito a generalidade dos partidos políticos, mas com o nascimento de um novo humanismo, de que fala a Gaudium et Spes, no qual "o homem se define antes de mais pela sua responsabilidade em relação aos seus irmãos e à história" (G.S. 55). E isto interessa a toda a gente, sem excepção!

Ruy Belo escreveu sobre o mundo da cultura: "Somos a grande ilha do silêncio de Deus". E isto é verdade por muitas razões e por muitas culpas nossas. Mas também o é, pelo facto da nossa cultura ser, muitas vezes, a grande ilha do silêncio do homem. E a Igreja porque procura ver o homem com os olhos do próprio Cristo, tem que ganhar consciência que se torna guardadora de um imenso tesouro. E este, não é para ser encerrado num catálogo de méritos, mas para correr o risco de ser traduzido em gestos de vida e, ao lado dos outros homens, servir a construção do tempo novo. E na Igreja isto é tarefa de todos. Especialmente de todos.

É bom que façamos da evangelização tarefa nossa da nossa vida, para que ajudados pelo Espírito do Senhor, que constroi o que não podemos e vai até onde nem sonhamos, possamos construir um mundo mais justo e mais fraterno.

Tolentino Mendonça



OS JOVENS APOSTAM NA IGREJA?

É por todos aceite que a Igreja, nas suas estruturas fundamentais aposta na juventude. A confirmá-lo, uma vez mais, a Mensagem ao Povo de Deus no Sínodo de 1987:"Reconhecemos nos jovens uma verdadeira força da Igreja de hoje e de amanhã. Reservamos-lhes, na nossa solicitude de pastores, uma atenção muito especial. Propomos-lhe seguir Cristo na radicalidade da Cruz e na certeza da Ressurreição,manancial da Sua acção na Igreja, fundamento de um verdadeiro projecto de vida e de uma autêntica esperança"(nº8).

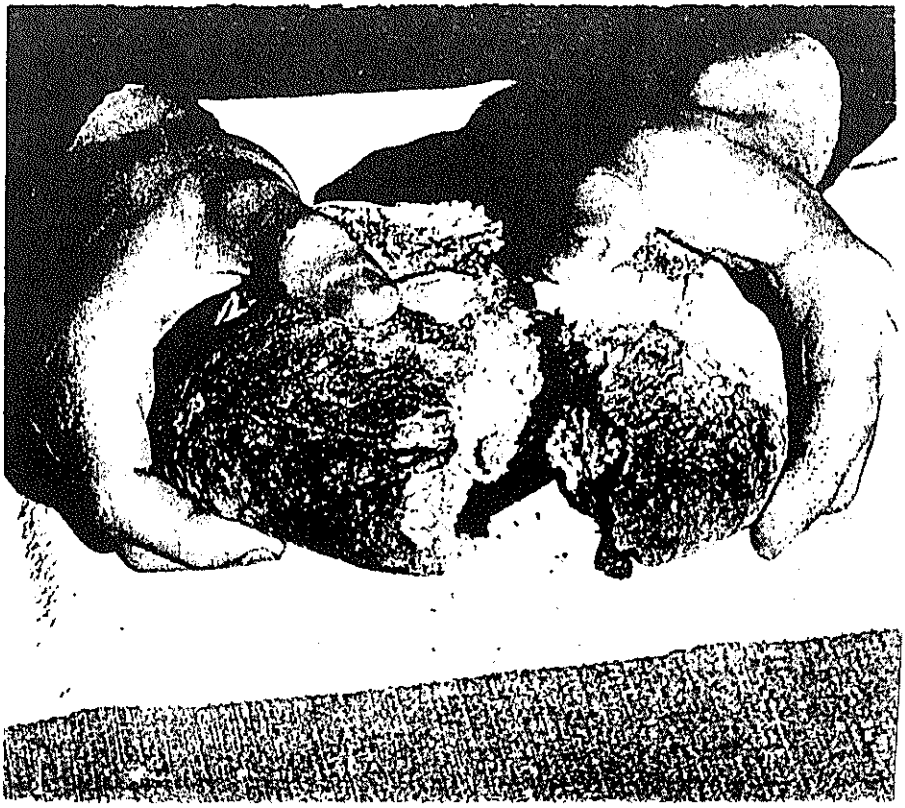
No entanto, colocam-se algumas questões no tempo presente. Os jovens acreditam com maior facilidade em Jesus Cristo, na Sua Palavra e nos Seus gestos, pondo em causa, em muitos momentos, a atitude da Igreja, quando nela se acentuam modelos de uma tradição,distante das preocupações e realidades em que os jovens vivem. Por outras palávras "entre os jovens é maior a crise de confiança na Igreja que a crise da própria fé".

Mantém-se viva no espirito dos jovens a imagem, desenvolvida no decurso da história, de uma Igreja que apresenta respostas já previamente concebidas, não deixando transparecer quais os motivos que a levaram a formular tais princípios. É disso sinal um certo alheamento face às rápidas mudanças socio-económicas, técnicas, culturais , morais e religiosas, que põem em causa as perspectivas tradicionais.

Os desafios que se levantam numa evangelização dos jovens, apontam no sentido de desenvolver, cada vez mais, a noção de " caminhar com...", de que a Igreja com os jovens,procura as respostas necessárias para os dias de hoje, à luz do Evangelho, da Tradição e da reflexão do mundo contemporâneo: como transmitir o testemunho da Fé aos jovens?; como levar os jovens a compreender que são eles, na realidade, os primeiros apóstolos deles mesmos?; Por fim, ter a coragem de perguntar se os jovens apostam na Igreja ! Da resposta nascerá uma

verdadeira Evangelização, a qual conduzirá a uma situação de compromisso. Compreender-se-á então o que significa ser Igreja. Brotará aí a consciência de que os caminhos da Evangelização se cruzam com as verdadeiras preocupações dos jovens, inconformados com as múltiplas situações de injustiça, de pobreza, de desemprego, de impotência para realizar os seus projectos... . Descobrem-se novos valores mais perto da verdade da vida, da partilha, da entrega, do serviço ao próximo e da comunhão - sinais de esperança que moldem os caminhos de uma pastoral juvenil, nos nossos dias, apostando numa nova civilização.

João Valente



A PRESENÇA DOS CRISTÃOS

NO MUNDO DA POLÍTICA

Os cristãos políticos portugueses, que assim se assumem, não se encontram num único partido; antes estão dispersos, segundo a opção da sua consciência, pelos diversos partidos. A profecia do seu testemunho evangélico é, muitas vezes, abafada pela lógica dos interesses partidários e pela oca disputa ideológica. Este é o drama do compromisso político dos cristãos: estarem convictos, por um lado, de que a novidade do Reino passa necessariamente por um projecto de transformação da sociedade e, por outro, saberem que o político está sujeito ao jogo dos oportunismos e das estratégias.

1. A democracia como opção evangélica

Vinte e cinco de Abril de 1974: "Esta é a madrugada que eu esperava / O dia inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio / E livres habitamos a substância do tempo" (Sophia de Mello Breyner). "De um dia para o outro tudo pareceu novo. Era o fim das palavras longamente proibidas, de uma certa mentira institucionalizada" (Pe. Manuel Antunes).

Para um grupo reduzido de cristãos, antigos militantes da Acção Católica, o 25 de Abril aparecia como um projecto quase de nova criação: o projectar de Portugal tornado país livre. Por isso, a sua adesão à Revolução foi imediata e convicta. O 25 de Abril surgia, assim, como a chegada definitiva do Concílio a Portugal; a possibilidade de realizar o projecto personalista e humanista da Gaudium et Spes. Perante o si-

lêncio prudente da hierarquia, e em contraste com a generalidade dos cristãos portugueses, este grupo desafia o medo, o silêncio e a prudência, e impõe uma imagem outra de Igreja, solidária com o destino do povo. Muito antes até de o episcopado reconhecer e recomendar o são pluralismo das opções políticas, já estes católicos tinham aderido a partidos de inspiração socialista (PS e o então PPD).

Porém, esta participação não foi pacífica. Alguns cristãos, sobretudo no meio estudantil e operário onde a luta partidária e ideológica era intensa, radicalizaram posições em guerra aberta com a hierarquia. Por outro lado, os meios mais conservadores, com a escalada gonçalvista e a partir da ocupação da Rádio Renascença, tornada símbolo da resistência católica tradicionalista, reagem. Esta reacção não resultou em oposição declarada ao regime democrático porque, entretanto, o PS torna-se o centro da oposição ao PC e agrega a si o descontentamento católico.

A partir do 25 de Novembro a tarefa era a de consolidar a democracia e de pacificar a sociedade nacional. Entre os cristãos ditos "progressistas" continua o projecto da democracia como percurso para o socialismo. Os sucessivos governos não conseguiram, porém, ultrapassar o impasse económico: as tensões aumentam e os partidos movimentam-se nos círculos de intriga. No meio desta disputa político-partidária,os cristãos políticos, pouco a pouco, vão-se cansando e ausentando dos partidos.

É todavia com o governo da engenheira Lurdes Pintassilgo que estes cristãos voltam de novo à política com a convicção de que o Evangelho comporta uma transformação social. O V Governo Constitucional representa o ponto máximo da participação política dos cristãos na nova sociedade democrática. Representa também a mobilização de vários sectores da militância católica, descontentes com a disputa partidária,para uma política num âmbito supra-partidário.

Curiosamente, assiste-se a uma crítica agressiva ao V Governo, vinda em grande parte do clero. No mesmo ano, sectores fanáticos insurgem-se contra o filme "As Horas de Maria". E, na aproximação das eleições

de 79, alguns bispos condenam os partidos de esquerda e fazem apelo indirecto ao voto na direita.

2. A radicalização de posições. Tensão entre a Igreja e o poder político

O ano de 1979 marca uma viragem na participação política: é o termo de um processo onde o empenhamento político dos cristãos está marcado pela adesão a um projecto de tipo socialista e a manifestação explícita de sectores mais conservadores que expressam a sua adesão à AD. Ao silêncio dos primeiros sucede uma expressão cristã conformista, sem impacto na sociedade. É o tempo do crescimento dos movimentos de espiritualidade, com uma dimensão intimista da existência cristã.

Da parte de sectores da hierarquia havia a pretensão de que a presença dos cristãos na política se resumia às boas relações entre a Igreja e o Estado. Este equívoco revelar-se-ia ineficaz porque, enquanto adormecia a consciência católica, emergia na sociedade portuguesa uma cultura predominantemente laica. De uma indiferença inicial destas emergências, passa-se depois a uma oposição declarada.

Esta situação radicaliza-se sobretudo com a discussão e a aprovação da Lei do Aborto, que se transforma em luta partidária entre bons e maus, entre direita e esquerda, entre os a favor da vida e os favor da morte. Esta tensão surge novamente com a questão recente da Lei da Rádio, que pôs a nu a separação entre o mundo da política e o mundo eclesial tradicionalista.

Em 1985 o sonho de um projecto político cristão volta de novo a ser manifesto com a candidatura à presidência de Lurdes Pintassilgo. O seu projecto não só galvanizou cristãos com um longo passado de empenhamento político, silenciosos ultimamente por desencanto, como também congregou ex-militantes católicos.

3. Desafios da actualidade

A evangelização do mundo da política implica uma sólida consciência cristã aliada a uma profunda competência profissional. Olhando o presente concluimos que não é animadora a presença de cristãos no mun-

do da política, precisamente pela falta de aplicação dos princípios acima referidos. O profissionalismo dos cristãos não é acompanhado de uma consciência da dimensão profética do Evangelho. E aqueles que possuem as duas qualidades encontram-se desencantados e esquecidos. E, todavia, aumenta na sociedade portuguesa a lógica tecnicista; a preocupação mais com o pragmático do que com o social. É o novo riquismo que surge, aproveitando o crescimento económico e a promessa de sucesso garantido pelo discurso do presente governo.

Os cristãos correm o risco de se deixarem levar pela lógica do mercado e pelo pragmatismo frio, esquecendo a lógica do Evangelho. Aumenta ainda mais o perigo da fé se reduzir ao espaço de celebração e da reunião de grupo.

As privatizações e aquilo que elas implicam no seu aspecto negativo, o aumento do desemprego, os despedimentos por "justa causa", a aproximação do Acto Único Europeu, são desafios que os católicos portugueses não podem ignorar. A presença evangélica, consciente e crítica, na política impõe-se como necessidade.

Para uma presença coerente e evangélica dos cristãos na sociedade portuguesa é necessária a adequação da fé com a vida, a atenção às situações concretas e aos desafios presentes, o discernimento crítico sobre o sentido das urgências, a capacidade de diálogo no respeito pelas diferenças. E nada disso se consegue sem uma espiritualidade de comprometimento, uma consciência das implicações temporais do escatológico do Reino. O político, apesar de transitório, nunca poderá ser esquecido, pois é aí que se decide o presente e o futuro da nossa sociabilidade.

Dezembro de 1988
António Martins

Notas de Cultura Portuguesa

D. ANTÓNIO DA COSTA E A TRILOGIA DA REVOLUÇÃO FRANCESA

"Liberdade, igualdade, fraternidade"; com esta trilogia se confundiu a Revolução Francesa de 1789; com ela derrubou a sociedade antiga, a sua autoridade e os seus privilégios.

Com agrado de uns e desagrado de outros. Com agrado dos liberais, adeptos de uma sociedade em movimento, onde cada um tivesse sempre diante de si campo aberto à criatividade, ao risco e ao progresso; sem condicionamentos hereditários ou sociais. Com desagrado dos que sublinhavam valores mais perenes e contrapunham os valores da autoridade e da legitimidade ao capricho individual.

Liberdade e autoridade, criatividade e herança, subjectividade e autoridade, entrechocam-se por todo o séc. XIX, em França, em Portugal, um pouco por todo o lado. Com a religião à mistura e também diferentemente sentida: sentida por uns como a maior afirmação da autoridade e grande conservadora da ordem social; sentida por outros como aliada firme da liberdade.

Assim a sentia, por exemplo, D. António da Costa (1824-1892), após tolo leigo do Cristianismo e da educação - foi o nosso primeiro ministro da instrução, em 1870.

Para ele, o Cristianismo é a maior afirmação da liberdade, da igualdade e da fraternidade. E num tempo em que nem todos o entendiam assim, ou por serem cristãos autoritários, ou por serem liberais incrédulos, dedicou um livro à demonstração do seu credo de Evangelho e Liberdade: O Cristianismo e o progresso, saído em Lisboa em 1868. Releiamo-lo.

O Cristianismo é a unidade de todos em Jesus Cristo e por isso com ele nasce "a igualdade dos homens sem diferença de nacionalidade, de sangue, nem de sexo, a liberdade para todos sem distinção de cidadãos nem de escravos, a fraternidade humana como raiz de um mundo novo" (pág. 10).

À luz de Cristo o homem descobriu-se finalmente imortal e livre e nisto encontrou também a dignidade e o progresso: "Desta maneira todo o

homem, e não só o privilegiado da força ou da fortuna, se tornaria grande aos próprios olhos, e quando o homem tem consciência da sua valia opera prodígios em todas as condições da vida; o impossível deixou de existir para ele. O cristianismo, assegurando ao homem a imortalidade e a liberdade, fundava uma filosofia nova e dotava-o com a mais brilhante existência a que lhe seria lícito aspirar. Na vida, grande pelo seu incontestável direito; além da vida, infinito pela consciência do seu espírito" (pág.18).

Depois vieram as concretizações do novo espírito. Foi a família e a mulher: "A família vai basear-se na natureza e na igualdade dos sexos. Até ali a mulher considerava-se uma comediante representando de esposa. Vendo-se livre, arrancou das faces a hipócrita máscara e apresentou-se verdadeiramente mulher na plenitude da sua grandeza moral. Era já outra (...) A pagã obedecia a um instinto, a cristã sente dentro de si uma alma" (pág.40-41). Foram as crianças, à voz do que dizia "Deixai chegar a mim os pequeninos: "Os povos ouviram pela primeira vez proclamar o direito dos pequeninos. O pequenino representará um homem. Não era o metro mas a alma que ia medir a individualidade. A morte, a venda, a exposição das crianças despedaçavam-se à branda palavra do amigo dos homens" (pág.59).

E fora do círculo familiar, também o Cristianismo incidiu sobre a pobreza e a maneira de lhe responder: "Chegou ao cristianismo a ocasião de apresentar as suas ideias, e nesta grave questão influiu por três modos sobre os destinos da humanidade, aconselhando o mútuo socorro, divinizando o pobre e elevando-o pela emancipação do trabalho" (pág.66). Ao libertar o escravo, o Cristianismo dignifica também o trabalho e generaliza a propriedade: "O facto luminoso do cristianismo foi o libertar o escravo, e portanto as obras das suas mãos. Reconhecendo que a propriedade era um direito de TODOS os homens, criou a possibilidade de todos os necessitados a possuírem pelo título de homem que saía legitimado das suas mãos (pág.73-74).

Mas chegou mais longe a luz do Evangelho, ao modo de olhar e tratar o próprio criminoso:"'O homem delinquiu, - dizia o mundo velho; - muito bem, desapareça de entre os homens, para castigo seu e exemplo

dos outros'(...) Surgiu a ideia cristã, e disse; 'Delinquiu o homem? fez mal, mas tiremos deste mal uma expiação; desta expiação o conhecimento próprio do mal praticado; deste conhecimento a emenda, e pela emenda restituamos melhorado ao mundo o homem que o ofendeu'(...) A luta do homem na sociedade fez dele um criminoso? Bem. Lute a sociedade, do seu lado, para fazer do criminoso um homem possível" (pág.88).

Por tudo isto, o Cristianismo era para D.Antônio da Costa o verdadeiro nome do progresso pessoal e social. O seu nome e a sua garantia. Dizia-o contra os próprios liberais desenganados: "Negar assim o aperfeiçoamento do homem pelo progresso é desconhecer a história. Pois quê? A liberdade dando ao homem a dignidade individual, não tem acaso produzido as virtudes que nascem da consciência e do dever? A emancipação moral da mulher, da criança, a fundação da verdadeira família, a doçura entre os homens, provindo da modéstia e da resignação, a instrução sucessiva, embora ainda inferior às necessidades da população, a fraternidade geral, o dogma enfim da caridade, não serão virtudes do mundo novo? Que a luta humana retarde o progresso, concordemos; mas contestar em absoluto o aperfeiçoamento humano de todos os séculos, é mais do que uma heresia liberal, é a negação da humanidade" (pág.99).

Iguais e livres; assim o Cristianismo fizera os homens. E unidos, fraternos, os faria por fim: "O cristianismo influiu sobre o progresso, tendo feito caminhar o homem e a sociedade. Os povos coligem os elementos de estreitar as suas relações. Ao longe, em ponto ainda distante mas alumiado pelos raios esplêndidos da cruz, divisa-se a humanidade UNA" (pág. 145).

Sonhava longe, D.Antônio da Costa, católico e liberal.

.Pe. Manuel Clemente

CRÓNICA 1987·88

Depois de alguns meses, eis-nos de novo, caros leitores, partilhando convosco algo da nossa história, a história de uma comunidade que se vai alterando, ao ritmo da vida. Novos "rebentos" chegaram, outros terminaram esta fase...

A 5 de Outubro juntámo-nos, depois das "curtas" férias, para, em conjunto e oração, começarmos novo ano. Não "mais um", mas este concreto que nos foi dado viver.

De Almada vieram doze. Com mais dois que agora iniciam a sua vida de seminário e aqueles que aqui permaneceram do ano anterior, perfazemos um total de 58. Somos muitos, é verdade, mas tal facto é desafio ao empenhamento de todos!

De Roma, participando no Sínodo sobre "A Vocação e a missão dos leigos...", o senhor Reitor enviou-nos a habitual carta de início do ano. O Sínodo é, sem dúvida, o grande acontecimento da Igreja neste ano. A ele e a outros acontecimentos, ventos novos que o Espírito vai suscitando na Igreja, não podemos ficar indiferentes. Seria negar a história e a Igreja viva que somos e queremos ajudar a construir.

Dia de S.Martinho, celebrámos o jubileu sacerdotal do sr. vice-reitor. Vinte e cinco anos ao serviço dos seminários! Depois da representação do auto de S.Martinho, teve lugar a Eucaristia seguida de um jantar-confraternização com a presença de muitas pessoas amigas do Pe. Carlos Paes.

Integrada nas comemorações do 20º aniversário da Universidade Católica, tivemos a inauguração da Biblioteca João Paulo II.

Numa comunidade que se quer viva e dinâmica, acontecimentos como instituições e ordenações são sinal de vitalidade, ocasião festiva e motivo de gáudio. Acontecendo ao longo do ano e um pouco por todas as dioceses, tivemos as seguintes ordenações: a 6 de Dezembro, em Lisboa, o Luís Cláudio foi ordenado diácono, tal como o Carlos Russo a 8 do mesmo mês e o Rui Rosmaninho a 6 de Março, ambos em Setúbal; a 19 de junho, ainda em Setúbal, o C.Russo foi ordenado presbítero e diáconos o António Tuna e o Jorge Almeida; em Lisboa, a 3 de Julho, foi a vez de serem ordenados diáconos o João Nogueira, o Aníbal Pinto e o José Manuel Antunes, e presbíteros o Robson Cruz e o Luís Cláudio; finalmente, a 16 de Julho e em Santarém, o Aníbal Vieira foi ordenado presbítero.

Voltando a Dezembro, tivemos no dia 16 a festa de Natal e, com ela, as férias, das quais regressámos a 3 de Janeiro para mais um período de seminário. Aconteceu nesta altura a reciclagem do clero. Para os padres que vieram, a recordação do passado, o retomar contacto com a teologia, a actualização. Para nós, o contacto com a sua experiência, a sua história e as suas histórias, sempre interessantes...

Fevereiro foi, mais uma vez, tempo de exames: de trabalho mais intenso, mas também de ritmo diferente, mais tranquilo, sem a agitação quotidiana. Mas sempre tempo de trabalho!

Seguiu-se o retiro de Fátima, de 2 a 6 de Março, que teve como pregador o padre Dário Pedroso. Um tempo que é sempre importante na nossa vida e foi-o mais uma vez para cada um de nós.

A 12 de Junho, com novos exames já à porta, realizámos o habitual passeio do Seminário. Depois de breve visita a Óbidos, almoçámos e partimos para Caldas da Rainha e daí para a Foz do Arelho, onde demos o tradicional mergulho, aproveitando o (pouco) sol que estava.

A festa de finalistas, acontecimento importante (de trabalho para uns e de ansiedade para outros) teve lugar a 22 de Junho. Desta vez fomos em "peregrinação" à Terra Santa e, desta maneira, "canonizámos" o passado daqueles que agora nos deixam.

Desportivamente, porque de desporto também se constitui aqui a nossa vida, tivemos um ano mais ou menos glorioso: para além da participação habitual e concorrida nas actividades desportivas da casa, fica-nos para a história a conquista da primeira taça organizada pela Associação de Estudantes de Teologia, do 2º lugar no campeonato da mesma associação e a disputa da super-taça com os Dehonianos (vencedores do campeonato), cujo vencedor ainda não foi encontrado (espera-se novo desafio...).

Chegámos, pois, ao final do ano. Um ano que revimos no dia 25 de Junho, tentando ver o que esteve bem e, sobretudo, o que poderá vir a ser melhor. Assim o consigamos! Terminados os exames, é o merecido tempo de repouso, as férias. Até breve.

João Maria Antunes Lourenço

NO PRÓXIMO NÚMERO:

* CENTENÁRIO DO CARDEAL CEREJEIRA
* SER SEMINÁRIO HOJE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

É o Espírito o que une Pai e Filho, dos quais vem tudo o resto, como criação da redenção; é o Espírito o traço comum de sujeito e objecto, por onde se estabelece todo o diálogo; é o Espírito a fonte indefinível de onde a vida pode fluir sob quaisquer formas, aquelas que eu conheço e venero ou não, e aquelas de que nem sempre posso ter uma ideia; é o Espírito que anima os que estão comigo e os meus adversários; foi o Espírito quem me trouxe o Cristo e quem a outros trouxe Buda, Maomé e Lao-Tseu; foi o Espírito quem me deu Eckart e quem me deu a geometria analítica; nele se reconciliam Aristóteles e Platão, nele se acabam as geografias, ou políticas, que separam Ocidente de Oriente. Por ele a Igreja é, e só o será enquanto Ele o quiser; quando se canta "Veni, creator Spiritus", inicia-se a maior aventura da História.

Agostinho da Silva
in "Dispersos"